

AMOR E AMIZADE NA CONTEMPORANEIDADE: A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO DE INTIMIDADES COMO ESPELHOS DO EU¹

Túlio Rossi (Bolsista FAPESP - FFLCH USP/ São Paulo)

Bárbara Garcia Ribeiro Soares da Silva (IFCH UNICAMP/ São Paulo)

Resumo:

Este artigo visa a discutir configurações da intimidade contemporâneas nas quais cremos haver uma crescente valorização da individualidade para além do que fora apontado por Christopher Lasch e Richard Sennett, incorrendo paradoxalmente em ânsias por relacionar-se. Concordando com Anthony Giddens que a vida emocional na modernidade se reordena de acordo com condições variáveis da vida cotidiana, nos debruçamos sobre circunstâncias atuais de transformação de dois importantes tipos de arranjos afetivos: as relações amorosas e de amizade. Usualmente associados a escolhas e afinidades exclusivamente pessoais, tais arranjos se formam a partir de interações entre indivíduos, orientados por referenciais de condutas e expectativas socialmente compartilhados e constantemente reformulados. Partindo da noção de Zygmunt Bauman de que vivemos numa “modernidade líquida”, cujas inconsistências estruturais e constantes mudanças nas dinâmicas de interação reverberam nos relacionamentos, acreditamos que seus princípios orientadores têm variado, acentuando a valorização da individualidade e as inseguranças sobre a própria identidade. Assim, propomos que a ânsia por relacionamentos expressa antes um desespero por afirmação da própria individualidade a partir de projeções de reconhecimento e aceitação pelo outro, sobrecarregando as relações de expectativas individualizadas e inseguranças que atentam contra sua continuidade, estimulando a busca constante e imediatista por novas relações.

Palavras chave: amor, amizade, modernidade.

Este artigo discute potenciais efeitos de uma crescente valorização da individualidade em configurações da intimidade contemporâneas, indo além das observações de Lasch² e Sennett³ sobre o narcisismo, resultando em ânsias por

¹ “Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.”

² LASCH, Christopher. *Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983

³ SENNETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

relacionamentos. Concordando com Giddens que na modernidade “a vida emocional passa a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas”⁴, acreditamos que vários aspectos das condições atuais da vida em sociedade têm tido efeitos expressivos na percepção da vida emocional dos indivíduos e, conseqüentemente, na condução de seus relacionamentos íntimos. Embora tidas como exclusivamente pessoais, as relações de amor e amizade se formam a partir de interações orientadas por referenciais de conduta e expectativas socialmente compartilhados e constantemente reformulados. Nas atuais circunstâncias, acreditamos nos encontrar num contexto de “modernidade líquida”⁵, cujas inconsistências estruturais e constantes mudanças nas dinâmicas de interação têm reverberado nos relacionamentos, de maneira a acentuar a valorização da individualidade e um sentimento constante de insegurança a respeito de si, a ser aliviado por contatos íntimos com outros.

Embora frequentemente confrontada como problema de ordem psicológica e particular, entendemos essa insegurança como um fenômeno mais amplo, em grande parte construída socialmente, sobretudo em discursos que sugerem o indivíduo como principal responsável e juiz de sua vida íntima e afetiva, embora essa requeira o reconhecimento de terceiros e interações balizadas por normas de comportamento compartilhadas. Com a pluralidade de referenciais externos, associada ao declínio do reconhecimento de instituições tradicionais como o matrimônio enquanto indicadores de identidade e segurança, esses juízos se tornam mais individualizados e dependentes de relações afetivas de caráter mais abstrato, no sentido de dissociadas de instituições e focadas na satisfação subjetiva que oferecem.

Dessa maneira, acreditamos haver uma crescente ânsia por afirmação da própria identidade a partir de projeções de reconhecimento pelo outro em relações de intimidade, sobrecarregando-as de expectativas e inseguranças que, não raramente, atentam contra sua continuidade. Essa ânsia expressa uma falta de referenciais de confiança externos, com o indivíduo buscando uma segurança idealizada em si, mas que necessita da aprovação e confirmação de terceiros. Conforme Lasch:

[...] o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de

⁴ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992, p.51.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela contribui para a sua insegurança, a que ele somente pode superar quando vê seu “eu grandioso” refletido nas atenções das outras pessoas, ou ao ligar-se àqueles que irradiam celebridade, poder e carisma. Para o narcisista, o mundo é um espelho, ao passo que o individualista áspero o via como um deserto vazio, a ser modelado segundo seus próprios desígnios.⁶

Em *Modernidade líquida*, Bauman aborda uma série de transformações na modernidade principalmente após “ao fim das ‘três décadas gloriosas’ que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial”⁷, em âmbitos que variam desde as relações de trabalho à vida íntima. Essas transformações seguem num sentido de liquidificação das relações e, concomitantemente, de referenciais de identidade e segurança. Se, em uma época não muito distante, trabalhadores de uma grande empresa estabeleciam um vínculo empregatício duradouro e estruturavam sua vida, a de sua comunidade e de seus descendentes sobre aquele vínculo⁸, numa modernidade líquida, isso é cada vez mais raro, tornando-se a rotatividade valorizada inclusive nos currículos, como sinal de experiência ampla e diversificada.

O recrudescimento de relações com grupos e instituições consideradas estáveis e a proeminência de comportamentos de caráter narcisista nas últimas três décadas colaboram para reforçar noções de identidade de caráter abstrato e individualmente idealizado, à medida que o pertencimento a um clã, uma família, empresa ou nação parecem se enfraquecer. Conforme Sennet, “o que importa não é o que a pessoa faz, mas como ela se sente a respeito”⁹, de maneira que suas impressões a princípio mais particulares de satisfação orientarão mais relevantemente seu comportamento nos relacionamentos afetivos. Assim, as associações entre pessoas por gosto e projeções de identificação e satisfação se tornam mais evidentes, colaborando para o estabelecimento do que Giddens chama de relações puras¹⁰:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que

⁶ LASCH, Christopher. *Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p.30

⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 p.21

⁸ Um exemplo interessante desse tipo de relação com o trabalho se perdendo pode ser visto no documentário de Michael Moore *Roger e Eu (Roger and me)*, 1987).

⁹ SENNETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.322.

¹⁰ Na tradução para o português de *A transformação da intimidade*, a expressão utilizada é relacionamentos puros, enquanto na tradução de *Modernidade e Identidade*, a expressão empregada é relações puras. Ambas se referem ao mesmo conceito – *pure relationships* – sendo que preservamos o formato das traduções.

pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada um individualmente para nela permanecerem.¹¹

A idéia de afinidades pessoais se torna mais valorizada na orientação dos relacionamentos afetivos e isso se manifesta de formas diferentes na amizade e no amor, sendo que no último parece haver um desnível mais agudo nas expectativas a partir do momento em que a instituição do casamento burguês se enfraquece como expressão de um projeto duradouro e consistente de relacionamento amoroso. Não que tal projeção sobre esse vínculo tenha se perdido, mas se antes, ele era tido como uma celebração socialmente reconhecida do amor, cujo rompimento era dificultado e censurado, com uma relativa facilidade que se adquiriu para o divórcio e para o reconhecimento de uniões desvinculadas do casamento, muito de sua força como símbolo de projeto de vida duradouro se perdera. Segundo o mesmo autor: “a relação pura não está ancorada em condições exteriores da vida social e econômica – é como se flutuasse livremente.”¹² Essa característica, apontada como mais próxima da amizade, não se manifesta da mesma maneira em relação ao amor, que, por muito tempo teve no casamento o símbolo de sua consagração. Observando essas variações, entendemos que associações mais abstratas entre indivíduos têm maior importância hoje num sentido idealizado como parte do processo de construção da própria identidade que, profundamente psicologizada, é incapaz de encontrar referências consideradas confiáveis, a não ser em indivíduos com quem se experimente uma sensação de profunda identificação.

Amizade: relação pura

Em *As consequências da modernidade*¹³, Giddens discute a confiança enquanto importante elemento no funcionamento das sociedades modernas, explanando que ela permite a existência de relações com outros que não conhecemos nem vimos anteriormente, estando assim atrelada de maneira fundamental às instituições da modernidade. Por exemplo, confia-se no dinheiro, e não só nas pessoas com quem se realizam transações econômicas. Giddens, assim define a confiança:

A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em

¹¹ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992, p.68.

¹² GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.87.

¹³ GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico).¹⁴

Com base nessa definição, há dois tipos de confiança, a “confiança em sistemas” e a “confiança em pessoas”, sendo a última de maior interesse para este trabalho pelo tema que se propõe, enquanto a primeira, de caráter mais impessoal, não será aqui discutida por razões de pertinência. Segundo Giddens, a confiança em pessoas é um tipo presente nas condições de modernidade e que se apresenta em “compromissos com rosto”, nos quais são solicitados indicadores da integridade dos outros. Para elucidar este tipo de confiança, o autor diferencia as concepções de confiança nos amigos em culturas tradicionais e modernas. Naquelas culturas, a confiança era de central importância e a amizade era “frequentemente institucionalizada”. Como não havia distinção bem delimitada entre os que pertenciam ou não aos grupos em tais culturas¹⁵, a amizade tinha função de criar “alianças mais ou menos duradouras com outros contragrupos externos potencialmente hostis”¹⁶. Portanto, as amizades eram formas de camaradagem, tal como fraternidades de sangue. Sendo ou não institucionalizadas, as amizades daquelas culturas se baseavam nos valores de sinceridade e de honra.

Com a modernidade, a natureza da amizade se transformou, pois se considera não o “inimigo” em oposição ao “amigo”, mas o “conhecido”, o “colega” ou qualquer pessoa que não se conheça. Com a transição para a modernidade, a honra foi então substituída pela lealdade, apoiada no afeto pessoal, como um dos valores da amizade. Já o valor da sinceridade foi substituído pela “autenticidade”, que Giddens define como “a exigência de que o outro seja aberto e bem intencionado”¹⁷. Do “honorável companheiro”, o amigo encontrado na modernidade torna-se o protetor do bem-estar emocional do outro.

O autor esclarece que nas culturas tradicionais a confiança básica e pessoal nos outros – fendida “em relações de confiança na comunidade, laços de parentesco e amizades” – corresponde a um “meio fundamental por onde relações sociais de um tipo distanciado, que se estendem até ‘territórios inimigos’, são estabelecidas”¹⁸. Nas culturas modernas, a “confiança pessoal” torna-se trabalhada entre as partes envolvidas,

¹⁴ *ibid.*, p.41

¹⁵ Exceto “algumas vizinhanças citadinas em estados agrários” (GIDDENS, 1991, p.106).

¹⁶ GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p.106.

¹⁷ *Ibid.*, p.121

¹⁸ *Ibid.*, p.122

e necessita da “abertura de um indivíduo para o outro”¹⁹. Não é, portanto, pré-dada, mas um processo a ser trabalhado com o outro. Outro aspecto importante que Giddens menciona sobre as relações que envolvem confiança pessoal – como a amizade na modernidade – é que “estão intimamente relacionadas à situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo”²⁰. Este aspecto se encontra entre amigos londrinos na pesquisa empírica feita por Rezende²¹. A autora constata que, entre os londrinos, a confiança era imprescindível para a amizade e “remetia à aceitação dos amigos no tocante à revelação do ‘self verdadeiro’”²². Somente com os “amigos próximos”, categoria que correspondia ao ideal de amizade em Londres, tornava-se possível tal revelação, ou seja, de acordo com os entrevistados, pessoas na companhia de quem eles poderiam se sentir como sendo “eles mesmos”.

Observa-se, portanto, que este aspecto torna-se ainda mais problemático na modernidade líquida, uma vez que parece haver uma dúvida constante sobre a natureza deste “self verdadeiro”, de tal forma que a insegurança em conhecê-lo desperta uma crescente ânsia por relacionamentos investidos de expectativas de descoberta e confirmação deste “self verdadeiro”. Além disso, o tempo é fundamental para estabelecer na relação de amizade este tipo de comportamento com o outro:

o teste da amizade ou (...) o teste do amor de verdade é o tempo, porque as pessoas que te amam são aquelas que te conhecem há muitos anos, que te conhecem melhor, elas já te viram quando você estava realmente no fundo do poço e ainda são suas amigas. Mas os amigos recentes ainda não (...) passaram por esse teste.²³

Assim, por meio desta declaração, é possível identificar a noção de “confiança pessoal” de Giddens, exprimindo a idéia de “abertura de um indivíduo para o outro”. O fato de a entrevistada mencionar que o “teste da amizade” implica no conhecimento melhor do outro até mesmo “quando você estava realmente no fundo do poço” revela também a noção giddeniana de “bom amigo” como o protetor do bem-estar emocional do outro, mesmo nos tempos difíceis.

¹⁹ *Ibid.*, p.123

²⁰ *Ibid.*, p.116

²¹ REZENDE, Cláudia Barcelos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

²² REZENDE, Cláudia Barcelos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.148.

²³ REZENDE, Cláudia Barcelos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.42.

Rezende concluiu por meio do trabalho de campo realizado em Londres que: “[...] em consonância com o ideal ocidental moderno de amizade, era o alto grau de intimidade entre os amigos — implicando essa auto-exposição espontânea, sem o controle da polidez — que criava e reforçava a confiança entre eles”²⁴.

É importante observar que a confiança na relação entre amigos mais próximos não precisava ser provada ou reiterada o tempo todo, sendo tratada como intrínseca à própria relação. Diferentemente de muitos relacionamentos amorosos em que se tem a impressão de que a confiança deve ser reafirmada ou provada o tempo todo, pois parece não haver uma segurança pela relação em si, de maneira que demonstrações de afeto, carinho e atenção são constantemente requeridas e avaliadas como demonstrativos de qualidade da relação. A ausência momentânea dessas demonstrações, que num caso de amizade muitas vezes não é problematizada, em um relacionamento amoroso engendra uma série de questionamentos reflexivos para quem a percebe, bem como tentativas de interpretar o comportamento do outro, podendo despertar crises de ciúmes, baixa autoestima ou insegurança, percebendo ameaças tanto internas quanto externas ao relacionamento. Se no caso da amizade, a abertura com o outro é entendida como inerente e espontânea, conforme a necessidade do amigo, no relacionamento amoroso, muitas vezes, ela é exigida, podendo levar ao fim da relação caso um dos amantes considere que suas manifestações são insuficientes, acreditando que seu parceiro lhe esconda algo. Bauman acredita que, no atual contexto da modernidade líquida, a confiança no amor nunca é suficiente para diminuir a ansiedade existente neste tipo de relacionamento, uma vez que ele considera o amor “uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável”²⁵.

Mas a incerteza sobre o futuro dos relacionamentos presente na modernidade líquida também tem potencial para afetar a confiança pessoal e a duração de relações de amizade. São dois aspectos apontados por Bauman que podem influenciar esta idéia. O primeiro é o caráter de investimento dos relacionamentos como todos os outros possíveis de se fazer no mundo capitalista, como comprar ações com o intuito de obter lucros. O segundo é a “expectativa de mitigar a insegurança que infestou sua

²⁴ *Ibid.*, p. 148.

²⁵ BAUMAN, Z. *Amor líquido*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.23.

solidão”²⁶ ao se participar de uma relação. Ambos implicam na idéia de que, ao se investir num relacionamento, espera-se obter como lucro, a segurança na relação, ou seja, “a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, (...). Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são ‘irrelevantes a longo prazo’”²⁷.

Estes aspectos que levam à insegurança dos relacionamentos interpessoais na modernidade podem destruir alguns dos elementos fundamentais presentes numa relação de amizade, como a confiança, a intimidade e o compromisso, levando, portanto, ao seu fracasso. Assim, a partir da discussão feita sobre a confiança pessoal e o caso empírico citado da “amizade próxima” dos londrinos, é possível destacar alguns elementos que envolvem a amizade observada na modernidade, quais sejam: a confiança, a reflexividade, e a intimidade. Tais elementos também são alguns dos principais, juntamente com o compromisso mútuo, que marcam uma “relação pura”, segundo Giddens²⁸.

Enquanto exemplo de relação pura, a amizade moderna, para Giddens, caracteriza-se por ser uma relação que não depende de mais do que as recompensas trazidas aos membros nela envolvidos. Diferentemente das relações de parentesco, marcadas pelos laços de sangue que não podem ser rompidos, as amizades irão se manter caso haja correspondência nos sentimentos de satisfação e proximidade com o outro. No casamento – que para muitos, ainda é a celebração institucionalizada, socialmente reconhecida e reafirmada do amor – as prescrições existentes tendem a ser mais claras especialmente quando convertidas na forma de um contrato jurídico, religioso e talvez até econômico²⁹. Na relação entre amigos, independentemente do gênero dos envolvidos, não há um projeto conjunto como aquele existente numa relação de marido-mulher ou do jovem casal de namorados que faz planos para uma vida a dois. Portanto, a amizade moderna, enquanto uma relação mais desprendida de prescrições, é

²⁶ *Ibid.*, p.30

²⁷ *Ibid.*, p.29

²⁸ *Modernidade e identidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

²⁹ O casamento no período pré-moderno era fortemente influenciado por considerações econômicas, já que através de “redes sociais e transações econômicas mais amplas”, muitos matrimônios eram firmados em tal período (Giddens, 2002). Desde o início da modernidade, ainda que o casamento pudesse envolver muitos interesses econômicos, seu discurso se baseava nas idéias da união por amor e da conquista da felicidade mútua. A diferenciação do casamento nos períodos pré-moderno e moderno é apresentada por Giddens em outro trabalho, *A transformação da intimidade*.

mais fluida e depende apenas da correspondência dos sentimentos. Para explicar esta analogia da amizade moderna à “relação pura”, partiremos à explanação de alguns dos seus elementos.

A reflexividade ou o projeto reflexivo do eu está intrinsicamente relacionado ao auto-exame permitido neste tipo de relação, ou seja, a possibilidade encontrada entre os amigos londrinos de serem “eles mesmos” e de buscarem a revelação do seu “*self* verdadeiro”. Nesse sentido, é importante mencionar que um “boom do aconselhamento” nas últimas décadas, torna-se um dos principais pilares dos relacionamentos, uma vez que a complexidade só se pode entender por meio do auxílio do outro³⁰.

O projeto reflexivo do eu é ainda mais favorecido pela postura narcísica do eu moderno observado na vida social. Lasch é pessimista no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais que o narcisista desenvolve e da intimidade destes relacionamentos. Para este autor, a intimidade não se atinge, porque estas personalidades humanas narcísicas são incapazes de se preocupar por algo que não seja o seu eu.

A intimidade, característica marcante nas amizades modernas, é outro elemento da “relação pura”, e corresponde à “condição principal de qualquer estabilidade de longo prazo que os parceiros logrem atingir”³¹. Este elemento da “relação pura” é também uma característica fundamental observada nas relações entre amigos estudados por Rezende. Segundo o estudo de Rezende, os londrinos associavam diretamente a intimidade com seus amigos próximos à revelação de emoções pessoais, mas de forma sincronizada e equilibrada, sendo a exposição de apenas um dos envolvidos, numa fase inicial da amizade, vista como potencial causa de afastamento do outro.

A intimidade nestas amizades inglesas implica em dois tipos de comunicação pessoal entre os envolvidos, uma dada por linguagem oral e através da qual se compartilham as revelações pessoais, e a outra corporal:

Além da afinidade e da honestidade, o desenvolvimento da comunicação entre os amigos envolvia também maior contato corporal. À medida que a relação se desenvolvia, os amigos, especialmente as mulheres, se tocavam mais, trocando beijos, abraços, afagos ou tapinhas. De modo semelhante, os processos

³⁰ Cf. BAUMAN, *Amor líquido*, Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

³¹ GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p.91

corporais internos tornavam-se tema de conversa entre amigos ou eram simplesmente realizados na sua presença. Por exemplo, as mulheres discutiam suas cólicas menstruais, e os amigos limpavam o nariz ou soltavam gases na frente uns dos outros. Embora aceito como parte da intimidade das amizades mais próximas, esse comportamento era ao mesmo tempo motivo de risos e piadas.³²

Já o compromisso se relaciona com a “proximidade” com o outro, buscada neste ideal de amizade londrina. Por sua vez, o compromisso é inerente à relação pura, pois ela não existe sem “elementos substanciais de reciprocidade”³³.

Ideais de amor na atualidade

Percebe-se hoje uma grande variedade de fontes e prescrições de comportamentos para o que é chamado “amor” e os arranjos afetivos derivados dele. Considerando que, apesar de todos seus aspectos socialmente construídos, a experiência amorosa é repleta de subjetividade e engendra inúmeros elementos particulares e psicológicos de quem a vive, o foco dessa reflexão é em aspectos das atuais formas de difusão de prescrições do amor e possíveis relações entre seu conteúdo e o contexto em que se manifestam. Assim, tratamos mais de idealizações socialmente compartilhadas e reproduzidas do amor do que de experiências amorosas em si.

Em *O amor e o Ocidente*, Rougemont³⁴ defende que a linguagem utilizada na retórica do amor cortês na Europa – da qual derivaria toda a linguagem do amor romântico e outros entendimentos subsequentes dele no mundo ocidental – teria originalmente um caráter de discurso religioso considerado herege, disfarçado sob a forma de contemplação da mulher amada. O autor observa nos textos do amor cortês uma rigorosa ascese, na qual há uma profunda valorização da castidade, além de uma ênfase na fatalidade do amor, cuja experiência máxima – enquanto algo divino – seria possível apenas após a morte:

Foi o romance alegórico do século XVII que inventou o *happy ending*. O verdadeiro romance cortês desaguava na morte, desvanecia-se numa exaltação para além do mundo[...]. Agora querem que tudo volte à ordem, a sociedade é a vencedora e portanto, o final do romance só poderia ser um retorno àquilo que já não é romance: a felicidade.³⁵

³² *Ibid.*, p. 41.

³³ *Ibid.*, p.90.

³⁴ *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

³⁵ *Ibid.*, p.140.

A impossibilidade da consumação do amor em vida que Rougemont observa na retórica do amor cortês colabora para sua valorização como algo distinto da própria realidade. Embora nos séculos seguintes a retórica do amor possa ter perdido o caráter fatalista que o distanciaria da vida terrena, no romantismo ela mantém um caráter de distinção e desejo de fuga de constrações consideradas inerentes à vida em sociedade, ao mesmo tempo privilegiando o escapismo e o exercício da imaginação no ato de projetar a realização das aspirações românticas, às vezes em meios idealizados como distantes da civilização – tais como o campo ou a “ilha do amor” pintada por Watteau³⁶ – mas não necessariamente como algo a ser atingido apenas após a morte.

Ao abordar o amor enquanto código simbólico, Luhmann aponta a literatura como forma de difusão de prescrições e modelos de comportamento em relação ao amor em obras que, mesmo valorizando o caráter espontâneo e descontrolado do amor-paixão, sugeriam formas de manifestação conscientemente orientadas. Luhmann observa em obras dos séculos XVII e XVIII uma espécie de educação sentimental de classes, na qual os livros possuíam um “fator didático e orientador nas questões do amor”³⁷. Embora os romances sugerissem ideais de libertação das constrações sociais, também era presente neles a valorização de posturas autocontroladas que serviam para distinguir qualitativamente membros de classes e grupos:

Importante era: conseguir distanciar-se da satisfação trivial, vulgar, imediata das necessidades sensuais no seio de uma aristocratização crescente da estrutura estratificada, existente na Idade Média. Em tudo isto é determinante a referência à estratificação social e só excepcionalmente a referência à individualidade – para isso bastando que o amor se transferisse para o campo do ideal, do inverossímil, do atingível apenas através dos méritos especiais (e não através do casamento!).³⁸

A ascensão de ideologias burguesas individualizantes colabora para que esses méritos especiais se tornem cada vez menos característicos de uma estratificação social, sendo considerados valores de caráter fundamentalmente pessoal, enquanto instrumentos de elevação moral individual. Embora o indivíduo deva se distinguir por seus méritos especiais para ser agraciado pelo amor, essa possibilidade é apresentada como atingível por qualquer um que se mostre digno disso, com um comportamento ascético e dedicado, tornando-se o casamento a celebração desse compromisso para a

³⁶ Para mais a esse respeito, ver: ELIAS, N. *A peregrinação de Watteau à Ilha do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

³⁷ LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 10.

³⁸ *Ibid.* p. 49.

comunidade. Se Rougemont aponta que o casamento antes do romantismo burguês servia exclusivamente a fins de organização da propriedade, sendo o amor, naquele contexto, visto sempre como em oposição ao casamento, o que veio depois foi a idéia de que o casamento deveria antes se originar do próprio amor, institucionalizando o sentimento como base de orientação da organização familiar.

Campbell aponta no romantismo um papel fundamental da imaginação como forma de auto-estímulo mental de projeções e expectativas de satisfação e prazer, em que o indivíduo, muitas vezes, deleita-se mais com a idéia da recompensa a ser conquistada do que com a conquista em si³⁹. A linguagem do amor romântico então revela um caráter imaginativo que acaba adquirindo um aspecto de planejamento da vida individual na forma de narrativa, como argumenta Giddens:

O amor romântico introduziu a idéia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos. O início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma de narrativa recém descoberta.⁴⁰

O planejamento de vida individual a partir de um relacionamento que se deseje durável torna-se fundamental para o entendimento do que é chamado de amor. Contudo, em meio a transformações consideráveis na instituição do casamento e nas relações de gênero nos séculos XIX e XX, as percepções de amor foram tomadas por dúvidas que persistem e se intensificam hoje, sendo abertamente discutidas em meios de comunicação, ao invés de sufocadas pela submissão à estrutura do lar. Num contexto de modernidade líquida, o ideal de amor enquanto projeto de vida durável parece cada vez mais difícil de ser praticado, uma vez que: “Num ambiente instável, fixar e adquirir hábitos – marcas registradas do aprendizado exitoso – não são apenas contraproducentes, mas podem mostrar-se fatais em suas conseqüências”.⁴¹

Com a crescente individualização das práticas e entendimentos do amor, seu código tornou-se, paradoxalmente, particular e universal. Assim, popularizou-se a idéia

³⁹ Cf. CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

⁴⁰ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992, p.50.

⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*, Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

de que cada pessoa é livre e capaz de amar do seu próprio jeito e apenas ela pode avaliar e definir, baseando-se em suas próprias impressões, se está ou não amando, o que confere ao amor um caráter ainda mais enigmático e abstrato. O reconhecimento desse princípio individualizado de avaliação dos sentimentos torna sua expressão sempre arriscada, podendo conduzir a desentendimentos que prejudiquem a manutenção do relacionamento, especialmente quando se idealiza uma sincronia e compreensão mútua constantes. Apesar da diversidade, os modelos e prescrições atuais do amor parecem concordar na preservação do valor sagrado da individualidade, tornando o princípio orientador da vida amorosa um ideal de coexistência de duas unidades independentes e livres, prontas para partir quão logo entendam que aquele relacionamento não é mais compensador, o que remete ao ideal de relação pura que Giddens sugere.

Contudo, a tradição não é simplesmente banida na contemporaneidade, estando presente de maneira mais ou menos conflituosa na socialização dos indivíduos e na orientação de seus comportamentos. E mesmo que se tenha atingido um estágio de fluidez nos relacionamentos, ainda há o depósito de expectativas sobre sua durabilidade, com a diferença de que ela é cada vez menos tomada como valor intrínseco, gerando ansiedades constantes sobre a vida íntima, uma vez que a vida amorosa é vista menos como projeto de convergência de sentimentos e intenções para ser um modo de coexistência, mas sem perder sua importância na constituição de identidades.

Muito da carga valorativa atribuída ao casamento – como a união considerada mais legítima, para a vida inteira e com fins reprodutivos – se perdeu com a ascensão de discursos e movimentos em prol da liberalização feminina e do amor livre a partir dos anos 1960, associados a conquistas da medicina nos campos da contracepção e da reprodução. Mas, enquanto valor idealizado, essa liberdade no amor parecia atentar contra o senso de confiança e comprometimento nas relações, com a possibilidade constante não apenas de romper os laços – se é que chegavam a se estabelecer – a qualquer momento, mas, principalmente, com a idéia de que isso deveria ser aceito sem resistência, como prova de amor e respeito ao valor sagrado de sua liberdade. O amor antes associado a um projeto de vida estável torna-se de realização ainda mais difícil quando a instituição na qual se acreditava que ele se realizava “para sempre” tem sua fragilidade exposta, evidenciando relações que sustentavam mais por inércia ou falta de alternativas do que pelo sentimento que se acreditava lhe servir de base.

Outro elemento importante para as transformações das prescrições do amor no século XX é o papel dos veículos empregados em sua difusão, no que destacamos a difusão de mídias de comunicação de massa audiovisual, através das quais amor e imaginação rompem a barreira mais evidente na literatura entre a vida do leitor, o texto escrito e a construção mental individualizada das imagens da narrativa. Na literatura, a separação entre a palavra escrita, sua imagem e a percepção de realidade do leitor é clara: cada frase deve ser lida e convertida numa imagem mental que é, mesmo nas melhores descrições, particular. Já o cinema e a televisão constroem a ilusão de visualização objetiva dos ideais românticos se realizando, deslocando-os da estimulação imaginativa para a estimulação visual, tecnicamente produzida e espetacularizada.

Mesmo cientes do caráter fictício de filmes e telenovelas, espectadores se entregam à ilusão de realismo da representação, reconhecendo a encenação, mas vendo nela múltiplas referências à realidade como a percebem em seu cotidiano e a práticas e discursos que consideram como normas culturais para as relações afetivas. Ainda que não se acredite em muitas histórias de amor nas telas, a expressividade dos sentimentos e grau de intensidade demonstrados são tomados como referência tanto de expectativas como de estratégias para atingi-las. Richard Sennett observa que “A expressão torna-se contingente debaixo do sentimento autêntico, mas a pessoa sempre é mergulhada no problema narcisista de nunca ser capaz de cristalizar aquilo que é autêntico em seus sentimentos.”⁴² Essa dúvida leva cada vez mais pessoas a acreditar em referências de expressividade vistas em filmes, revelando a sensação de insuficiência de seu próprio aparato expressivo, uma vez que o amor e tantos outros sentimentos e conceitos abstratos tornam-se ampla e minuciosamente codificados em imagens e performances. A presença de meios de comunicação audiovisual e as possibilidades de reprodução de filmes em casa – especialmente a partir da década de 1980 – contribuem para um contato mais intenso e constante com esses códigos, permitindo que a idealização do amor e da vida íntima se torne cada vez mais marcada pela visualidade. Conforme Lasch:

A vida se apresenta como uma sucessão de imagens ou de sinais eletrônicos, de impressões registradas e reproduzidas por meio de fotografia, filmes animados, televisão e sofisticados aparelhos registradores. A vida moderna é tão profundamente invadida por imagens eletrônicas, que não podemos deixar de responder aos outros como se suas ações – e as nossas próprias –

⁴² SENNETT, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.327.

estivessem sendo registradas e simultaneamente transmitidas a uma audiência invisível ou armazenadas para minucioso escrutínio posterior.⁴³

Hoje o código do amor se firma discursivamente pelas sensações e impressões pessoais. No entanto, o estímulo a essas, bem como sua interpretação reflexiva vem, em grande parte, de referenciais externos, cujo conhecimento é amplamente compartilhado. Assim, muito do que se entende ser expressão individualizada e intensa do amor, originada no mais enigmático e profundo “eu”, não raramente, é uma encenação bem intencionada, revelando não a falsidade de quem a manifesta, mas a tentativa desesperada de sentir e comunicar o sentimento como incontáveis imagens lhe fizeram crer que aquilo deva ser feito. Há o desejo de oferecer e receber ao mesmo tempo a dádiva irremediável do amor sublime, ou, pelo menos, convencer – a si mesmo e ao outro – da intensidade daquela experiência. Conforme Volkmar Sigush:

Todas as formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falsa felicidade que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde pelo amor livre... Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição... As performances substituíram o êxtase, o físico está por dentro, a metafísica, por fora... A abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão todas igualmente distantes da livre vida da sensualidade que nenhum de nós conhece.⁴⁴

Em circunstâncias nas quais o aspecto performático dos relacionamentos íntimos adquire tamanha significância, levando a uma rigorosa gestão das emoções paradoxalmente atrelada ao desejo idealizante de refúgio da obrigatoriedade de qualquer autocontrole, a importância da visualidade se reforça. Mas com tantas prescrições – inclusive de caráter médico – em livros, filmes e programas de televisão, o indivíduo da modernidade líquida se vê sobrecarregado de informações, por vezes conflitantes, que estimulam mais dúvidas do que certezas. Nisso, a relação entre amor e sexo parece agravar-se na tentativa de diferenciar qualitativamente sexo com e sem amor, como se o último se tornasse um acessório para o aumento do prazer. Parece haver uma expectativa crescente na qualidade da relação sexual como medida de qualidade do próprio amor, sendo que, de acordo com Sennett:

O comportamento sexual é alterado, de modo que se experimentam mais orgasmos ou ejaculações, aumentando correlativamente o nível de expectativa sobre qual seria essa quantidade “suficiente”. Desse modo, a

⁴³ LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*, Rio de Janeiro: Imago, 1983, p.73

⁴⁴ SIGUSCH, Volkmar apud BAUMAN, *Amor líquido*, 2003, p.64

pessoa não poderá experimentar “o suficiente” para que o comportamento sexual seja verdadeiramente “satisfatório”, “significativo” etc. Era este tipo de auto-renegação que Weber tinha em mente ao falar de ascetismo e que Kohut descreve ao falar das exigências opressivas do narcisismo. É porque a pessoa é insatisfeita que suas energias se concentram em seu eu.⁴⁵

Nesse sentido, sexo e amor se sobrecarregam de expectativas, numa espécie de exigência constante de êxtase. Mas quantas pessoas hoje, no início de sua vida sexual, não tem idéia de como é esse êxtase, senão por cenas devidamente coreografadas e editadas de filmes, novelas ou séries televisivas? O conflito parece se intensificar no sentido de uma crescente insegurança em relação às próprias experiências, num contexto em que as imagens tornam-se referencial cada vez mais potente do que é considerado “realidade” ou de como ela deveria ser.

Se, por um lado, essas condições parecem atentar contra um ideal de amor romântico enquanto projeto de vida duradouro, por outro, a perda de referenciais ou símbolos de consistência reforça a idealização do amor enquanto força abstrata, transformadora, depositária de uma felicidade que, embora por um lado pareça impossível, por outro, é difundida como obrigatória. Em lugar da satisfação pela crença na realização do amor, indivíduos são constantemente tomados pela dúvida: “Será que é só isso?” Não deixamos de ser românticos enquanto idealizadores do amor e das relações afetivas a partir de expectativas balizadas por obras de ficção e discursos inflamados. Mas, depois da aparente libertação de constrições sociais e prescrições tradicionais da afetividade, descobriu-se que há um mundo interno de limitações e dúvidas socialmente construídas. A dificuldade de amar não está mais no tédio do casamento, nas censuras da sociedade, no conservadorismo de patriarcas ou instituições religiosas. O problema – mais do que a solução – se torna exclusivamente individual. O fracasso em relacionamentos construídos à base de expectativas irrealistas prescritas em meios diversos é internalizado como uma insuficiência ou incompetência da própria personalidade. Nesse sentido, o ideal de um grande amor baseado numa série de afinidades é uma possibilidade de descanso da dúvida exasperante de si, ao funcionar como certificado de aceitação de uma personalidade insegura. O encontro idealizado não é mais do outro, a partir do qual os indivíduos se fundem e constroem o amor, mas de si: um espelho perfeito no qual se acredite devidamente refletido e onde a imagem, não necessariamente bela, seja mais reconhecível do que uma sombra ou relance de si.

⁴⁵ SENNETT, *O declínio do homem público*, 2001, p.407.

Considerações finais

Como temos observado, a dinâmica e os modelos de comportamento no tocante às relações pessoais são profundamente afetados por transformações de caráter social mais amplo. Embora, por um lado, a valorização da individualidade que se percebe hoje em dia sinalize uma série de conquistas que vem sendo atingidas a favor de maior liberdade e igualdade, tolerância e celebração da diversidade e possibilidades de comunicação ampliadas, por outro, sua contrapartida tem sido uma crescente angústia sobre a condição do indivíduo em relação ao mundo e aos demais.

Num mundo em que coisas deliberadamente instáveis são a matéria prima das identidades, que são necessariamente instáveis, é preciso estar constantemente em alerta; mas acima de tudo, é preciso manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes do mundo “lá fora”.⁴⁶

Esse estado de alerta é mais do que em relação às condições externas, mas sobre a própria adequação a essas condições, numa contínua avaliação de si. Nesse sentido, as relações amorosas ou de amizade são idealizadas como algo mais firme no que os indivíduos podem se fiar não apenas enquanto forma de apoio perante as dificuldades, mas como referências de aprovação e reconhecimento do que acreditam – ou desejam acreditar – ser sua própria essência que, embora abstrata, é de alguma maneira definida e consistente. No entanto, no que se sustentam essas relações senão em conceitos cada vez mais abstratos, amplamente conhecidos de discursos, livros, entrevistas e filmes, mas estranhos para muitos do ponto de vista prático? A experiência particular parece ser sempre insuficiente; Bauman já observara em *Amor líquido* um constante receio em se entregar a um relacionamento amoroso e fechar-se a possibilidades de outros. Os cálculos de riscos, possibilidades de sucesso e das consequências de cada ação ou investimento afetivo se complexificam, pois é desejado preservar a si mesmo e, ao mesmo tempo, participar de uma relação que demanda trocas afetivas, mas que obedecem a um caráter tácito, cujo retorno frequentemente parece incerto.

A busca, tanto do amor quanto da amizade, expressa na verdade a busca da confirmação daquela segurança – que se deseja acreditar ser interna – a respeito da própria personalidade. Há a necessidade apregoada no senso comum de “amar a si mesmo”, mas isso se revela impossível fora de uma relação com outro. As ânsias por

⁴⁶ BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.100.

relacionamentos derivam de uma situação em que o principal objetivo e sentido da vida se tornam o crescimento pessoal e o autoconhecimento, que são testados e aperfeiçoados na avaliação das impressões que os outros manifestam a esse respeito. Nesse aspecto, um dos sintomas mais expressivos desse caráter narcisista da atualidade são os blogs, fotologs e sites de comunidades virtuais, como Orkut e Facebook, que funcionam, ao mesmo tempo, como vitrines de si no mundo virtual e como formas de interação fluida, com poucas exigências. Conforme Bauman:

A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado”- mas também consideravelmente menos produtivo em termos de construção e manutenção de vínculos.⁴⁷

Se, por um lado, a comunicação de si, dos próprios gostos e de uma série de outros elementos considerados subjetivos foi facilitada e trazida ao senso comum com programas de entrevista e incontáveis fontes de aconselhamento, por outro lado, a dúvida sobre o conteúdo do que se deseja comunicar cresceu; toda expressividade parece incompleta, imprecisa ou decepcionante quando confrontada pelas mídias de comunicação de massa. O desejo por relacionamentos mais intensos e a dificuldade em lidar com seus momentos menos excitantes e mais tediosos leva ao questionamento das próprias aptidões e uma busca constante por algo que não se sabe claramente o que é.

As amizades, por um lado, oferecem conforto nessa situação, sem as demandas constantes de atenção e reafirmação do compromisso que são comuns em relacionamentos amorosos. Além disso, a possibilidade de contato por meios de comunicação como a internet permite hoje a manutenção de amizades desatreladas de contatos face a face. Essa liberdade que a amizade oferece é tranquilizadora, mas não é suficiente para suprir algumas ausências que se acreditam serem preenchidas apenas pelo amor, enquanto mais que encontro abstrato de conceitos e afetos, mas também experiência sexual:

Para a maioria das pessoas, o amor sexual abre as portas da personalidade total mais amplamente do que qualquer outra coisa. Para muitos, de fato, o amor é a única forma na qual cada um pode entregar seu ego em sua

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*, Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.82.

totalidade, assim como para o artista a forma de sua arte oferece a única possibilidade de revelar toda a sua vida interna.⁴⁸

A liberalização sexual pós 1968, embora idealizasse um amor livre, revelou alguns anos mais tarde a dificuldade dos indivíduos se desprenderem de expectativas projetadas nos relacionamentos amorosos por vezes contraditórias àquela liberdade. A “entrega do ego em sua totalidade” na relação sexual se torna problemática quando as demandas de satisfação e prescrições de como fazer e sentir se tornam mais explícitas e difundidas. Há o desejo de se entregar e se descobrir essa personalidade total, mas, ao lado disso, uma tentativa de controle reflexivo rigoroso da mesma, com vistas a produzir “melhores resultados”, de maneira que, ao mesmo tempo, a satisfação e a sincronia na vida sexual, que poderiam ser percebidos antes como sinais de um grande amor e transcendência tornam-se simples atestados de domínio de técnicas e acúmulo de experiências, enquanto que o amor pode ser colocado em dúvida caso esse domínio não apareça. Assim, o amor parece cada vez mais relegado ao mundo da idealização, uma vez que sua vivência prática é sempre questionada. “Discutir a relação” está na ordem do dia, sendo que, com uma série de jargões psicoterapêuticos circulando no senso comum, a relação torna-se cada vez menos uma experiência amorosa, para ser fonte de autoanálise, com potencial para autodepreciação. Tudo isso colabora não para que a experiência do amor se torne mais fluida, mas que seja menos reconhecida como experiência quando confrontada com um ideal que, uma vez irrealizável, mas percebido como norma cultural, ou é buscado incessantemente ou abandonado por conformismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPBELL, Collin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ELIAS, Norbert. **A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁴⁸ SIMMEL, G. Types of Social Relationships by degrees of reciprocal Knowledge of their participants in WOOLF, K. *The sociology of George Simmel*, New York: Free Press, 1964, p.325.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

LASCH, Christopher. **Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMMEL, G. Types of Social Relationships by degrees of reciprocal Knowledge of their participants *in* WOOLF, K. **The sociology of George Simmel**, New York: Free Press, 1964.